

VICENTE
SANCHES

Quinto Império
ou
A Musa da Casa de Sêr

TEATRO



QUINTO IMPÉRIO
OU
A MUSA DA CASA DE SÊR

Título: *Quinto Império ou A Musa da Casa de Sêr*

© Vicente Sanches e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1999

Concepção gráfica de João Botelho

ISBN 972-8423-52-7

Vicente Sanches

ULFL04 00256



Quinto Império

ou

A Musa da Casa de Sêr

Teatro de Aforismos
peça em cinco actos

Cotovia

DIDASCÁLIA MÍNIMA

Um coro: um grupo de actores e actrizes; divistível em sub-grupos, segundo o critério do encenador.

*

Nas partes em que o texto põe os personagens a falar de maneira directa, — esses personagens podem eles mesmos surgir em cena, de maneira autónoma, ou seja: representados por actores que com eles visivelmente se identifiquem, em vez de interpretados por elementos visivelmente no exercício e desempenho de funções corais.

*

Um grupo musical, (pois os pequenos intervalos entre os Aforismos deverão preencher-se frequentemente com música).

*

Um grupo de ballet, — (se o encenador decidir que certos Aforismos se interpretem sob forma de bailado).

*

Um écran de cinema, — (se o encenador decidir que certos Aforismos se interpretem sob forma filmica).

1.º Acto

1

— Como é divina, — desde os pés à cabeça, —
desde a cabeça aos pés, — Isabel!

— Isabel, da Casa de Sêr.

— Isabel de Sêr!

— Como é divina, desde a forma — ideal! — das
unhas dos seus pés! Desde o recorte dos seus dedos!
Que parecem escultura — do melhor Escultor! Que
parecem pintura — do melhor Pintor!

— Pés, que até parecem feitos — para não tocar
na terra!

— Pés, que até parecem feitos — para pisarem o ar!

— Para pisarem as nuvens!

— Para pisarem o Céu!

— Mas não, não vamos tentar dizer — descrever — as formas indizíveis — as belezas indizíveis — do corpo de Isabel.

— De Isabel, da Casa de Sêr.

— De Isabel de Sêr!

Pequena pausa.

— E menos, muito menos tentaríamos dizer — descrever — a música; a música indizível do seu rosto; que os nossos olhos *ouvem* — no seu rosto.

Pausa.

— Dos seus cabelos, porém; dos cabelos... como auréola... que encimam o seu rosto; iremos falar... Devemos... precisamos de falar...

— Nunca, decerto, para pretendermos dizer — o que têm, também, de beleza indizível.

— Sim: nunca para nos atrevermos a pretender dizer — o que têm de inefável, mágica formosura.

— Ai, mas acerca dos seus cabelos; dos cabelos... qual diadema... que encimam o seu rosto; devemos — não calar a história!

- A fabulosa história!
- A espantosa história!
- A história, enfim... que ides ouvir.
- E começa... desta maneira. A história começa... da seguinte maneira.

3

— Os cabelos (lindíssimos!) que adornam a cabeça de Isabel, — no fim da adolescência, por volta dos dezasseis, dezassete anos, começam... *mirabile dictu!*... a sentir! A sentir frio!; a sentir calor!; a possuir... uma espécie de tacto!; e de álgica sensibilidade!

— E muitas vezes, muitíssimas vezes, na própria ausência — do mais leve estímulo exterior!

— E até sensíveis de prazer se tornam!

— E muitas vezes, muitíssimas vezes, na própria ausência — do mais leve estímulo exterior!

— E sentem, os cabelos dela sentem — em toda a sua dimensão e comprimento!: da raiz até às pontas!

— Da raiz até às pontas!: em toda a sua dimensão e comprimento!: como se cada cabelo — contivesse um nervo! Fosse uma fina bainha — revestindo um finíssimo nervo!

— Claro que não era. Não havia finíssimos nervos — dentro dos finos cabelos de Isabel.

— De Isabel, da Casa de Sêr.

— De Isabel de Sêr!

— Carecia, sem dúvida, dessa base fisiológica, ou anatómica, aquele sentir — aquela faculdade de sentir — dos cabelos de Isabel.

— De Isabel, da Casa de Sêr.

— De Isabel de Sêr!

* * *

— Em suma: fenómeno impossível?

— Se assim quiserdes... classificá-lo.

— Se assim quiserdes... catalogá-lo.

* * *

— Pelo menos, fenómeno que nunca se viu? Que nunca se ouviu? Que nunca se *leu*?

— Bem: — isso, com certeza. Nunca se viu; nunca se ouviu; nunca se *leu*. Mas — *lê-se* agora. *Lê-se* aqui. Nesta história. Nesta história — deveras única. Aqui, pois, e agora, senhoras e senhores: ireis ver; ireis ouvir...

4

— O dia em que Isabel pediu a seus pais para acreditarem... no inacreditável!

— Quer o pai, quer a mãe, ficaram — siderados!

— Sensações nos cabelos?! Mas tu estás a sonhar?!,
— gritou-lhe o pai.

— Acorda! Acorda!, — gritou-lhe a mãe.

— Não vêm — que estou acordada?

— Quando eras pequena — eras sonâmbula.

— Já não sou! E vê-se bem que me encontro lúcida. Que me encontro acordada.

— Se estás acordada, e se falas a sério, — estás louca! Sensações nos cabelos — são alucinações! Só po-

dem ser alucinações! E nem sei, nem sei se podem ser alucinações!

5

— Muitas vezes, os pais descobrem apenas a pouco e pouco — a anormalidade, a monstruosidade existente mas latente nos seus filhos.

— Outras vezes, porém, descobrem-na de repente!

— E quando essa anormalidade é muito chocante, e ainda por cima se lhe junta, a esse carácter chocante, o outro choque: o choque do repentino da descoberta; — Nossa Senhora das Dores! Nossa Senhora das Dores tenha dó daqueles pais!

6

— Por isso, (e de maneira ainda mais... compadecente!), Nossa Senhora das Dores tenha dó — da dor dos pais de Isabel!

— Pois eles não apenas receberam a notícia de repente.

— Mas sobretudo, a notícia que receberam, foi a de uma anormalidade em sua filha Isabel, mais rara,

mais anormal, do que todas as possíveis anormalidades
— em todas as possíveis criaturas!

* * *

— Oh pais de poetas! Oh pais de loucos! Oh pais de criminosos! Oh pais de santos!; que não são criminosos, mas é como se fossem: porque são também marginais, os santos; ou marginalizados; e perseguidos; e condenados; e senão, vede o caso típico; o caso arquetípico, de um que embora tenha já vivido há muito tempo, ainda hoje se fala bastante nele, e portanto suponho que podereis conhecê-lo, pelo menos de nome... Um tal... de nome J. Cristo. (*Pronunciar: Jota Cristo.*) Pais de filhos tocados de exceção! Excluídos da regra! Expulsos da lei! Com um estigma de génio na alma e na frente: na fisionomia; entrevisível — na fisionomia! Pais desgraçados dos maiores desgraçados que há no mundo: ponde os olhos aqui. No paradigma — dos vossos dramas. Ponde os olhos aqui: no drama — dos pais de Isabel.

— Cuja filha — Isabel — de repente se lhes revela — a exceção de todas regras! A exceção — das exceções!

* * *

— Pai! Mãe! Os cabelos da minha cabeça — é como se fossem fibras nervosas! Não são iguais aos de ninguém!

— Que estranho, Isabel! Mas olha... não chores!

— E como não hei-de chorar, se os cabelos da minha cabeça — é como se fossem fibras nervosas! Não são iguais aos de ninguém!

— Cala-te, filha, cala-te! E... não chores!

— Mas como dizeis que não chore?, se tu choras, pai! Se tu choras, mãe!

7

— Os pais de Isabel, quanto mais atentamente reflectem, quanto mais profundamente meditam, tanto mais se alarmam — perante aquela fabulosa anomalia de sua filha.

— Sobre a qual anomalia, lhes ocorrem — três, em síntese, três possíveis explicações; três possíveis hipóteses explicativas.

— Três. Mas qual delas a mais inquietante!

— Qual delas a mais alarmante!

— Qual delas a mais aterradora!

— Primeira possível explicação.

— Primeira: aquilo — aquela anomalia — ser sintoma de um processo de loucura; que vai desenvolver-se.

— Assim como há loucos de histerismo, que não sentem partes do corpo naturalmente sensíveis, assim, mas ao invés, acontece-lhe a Isabel — sentir uma parte do corpo, que de sua natureza sempre foi insensível: os cabelos.

— Espécie, digamos, de histerismo pela positiva; em lugar de pela negativa. Histerismo... de estesia; em lugar... de anestesia.

— Um *sui generis* processo alucinatório...

— Uma inédita forma de delírio; mas possível; ou não-impossível...

* * *

— Enfim, dentro desta hipótese, (não só desta, aliás,) o certo é que os pais de Isabel — viam (com lágrimas!) a perspectiva, — choravam, choravam a perspectiva, — que se lhes afigurava provável! — muito provável! — de a sua filha acabar — a sua querida filha acabar — internada num manicómio!